

**POLÍTICA
E ÉROS**

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da¹

¹ Professor Adjunto do Colegiado de Pedagogia da UNIOESTE, Campus de Cascavel.

RESUMO: O deus Eros nasceu do deus Chaos e as entidades que saíram de Chaos (inclusive Eros), surgiram por divisão e segregação. A partir do surgimento de Eros há o encaminhamento do universo para a união e coesão. A relação amorosa exige a reciprocidade, senão atrofia e morre. A palavra “partido”, que designa o objeto do nosso estudo, sugere que se trata de uma “parte” da sociedade que aspira hegemonizar uma concepção global da ordem econômica, social e política, e “a arte de fazer política” pode ser entendida como a habilidade de unir e somar forças num determinado campo ideológico. Daí a necessidade de “seduzir”, convencer, educar e engajar o maior número de pessoas no seu projeto partidário surge como corolário da militância política, onde política e paixão se interpenetram, de forma que ação e tensão comungam seus impulsos.

PALAVRAS-CHAVE: Partido, Eros, Política

ABSTRACT: The god Eros was born of the god Chaos and the entities that left Chaos (besides Eros), they appeared for division and segregation. Starting from the appearance of Eros there is the direction of the universe for the union and cohesion. The loving relationship demands the reciprocity, or else it atrophies and it dies. The word “party”, that designates the object of our study, it suggests that is a “part” of the society that aspires leading a global conception of the economic, social and political order, and “the art of doing politics” can be understood as the ability of uniting and adding forces in a certain ideological field. In this context the need “to seduce”, to convince, to educate and to engage the largest number of people in its party project appears as corollary of the political militancy, where politics and passion interweave, so that action and tension share their impulses.

KEY WORDS: Party, Eros, Politics

INTRODUÇÃO

Filosofia e política requerem a busca amorosa, ainda que cada uma no seu respectivo âmbito de atuação. Filosofia é “amor à sabedoria”; sabedoria que nasce do uso metódico da investigação racional. Neste sentido, o saber filosófico diferencia-se das explicações estabelecidas nos mitos. A palavra “política” (“ta politika”) significa “vindo da polis”. Portanto, “politikos” são os cidadãos nascidos no solo da “polis”. A pólis grega foi o resultado e a superação da crise do regime gentílico/aristocrático, por meio do advento do comércio e a consequente necessidade das trocas somado à generalização do trabalho escravo. O Estado grego surgiu a partir das

relações sociais que tinham como novidade a crescente circulação do dinheiro. Assim, o destino da polis passou a ser decidida pela autonomia da palavra; não mais da palavra mágica dos relatos míticos vindo dos deuses, mas a palavra humana do conflito e do debate. Quando os seres humanos se libertaram da obediência aos deuses e passaram a construir o seu destino na praça pública produziram a política.

Política e filosofia nasceram na mesma época. Desse modo, é correto dizer que são “filhas da polis”. Por esta origem comum a filosofia não cessou de refletir sobre a política, elaborando teorias para explicar sua origem, sua finalidade e suas formas. A política foi criada pelos seres humanos como o modo pelo qual puderam expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total. Com o surgimento da política as explicações míticas perderam a centralidade. Conseqüentemente, filosofia e política buscam encontrar explicações racionais para as transformações sem atribuí-las às ações divinas.

No âmbito da discussão política podemos ressaltar três elementos centrais: regimes políticos, agentes políticos e formas de ação. No âmbito da filosofia importa discutir duas questões: a) o que é o Belo? b) O que é poder político? Para falarmos de “Belo” temos que nos referir à estética, que é parte da filosofia que procura investigar a criação artística.

Filosofia é “amor à sabedoria”; sabedoria que nasce do uso metódico da razão, da investigação racional. Neste sentido, o saber filosófico diferencia-se das explicações estabelecidas nos mitos. Como sabemos, os gregos cultuavam uma série de deuses (por exemplo, Zeus, Ares, Atena, Eros, etc.), além dos heróis ou semideuses (por exemplo, Teseu, Hércules, Perseu, etc). Relatando a vida dos deuses e dos heróis, bem como seus envolvimento com os homens, os deuses criaram uma bela mitologia, constituída por um conjunto de lendas e crenças que, por princípios simbólicos, fornecem explicações para a realidade. O mito, por sua própria natureza, é aparentado à arte em todas as suas criações.

A mitologia grega foi transmitida oralmente e novos elementos foram sendo acrescentados. Em razão disso muitas leituras podem ser feitas sobre o mesmo mito, por isso não é

possível uma leitura rígida sobre os deuses gregos, nem é possível evitar um ponto de vista sobre eles. De modo particular, há elementos intraduzíveis no mito de Eros, cuja trajetória se inicia a partir do Caos. Ao final da empreitada percebe-se que, apesar de tudo que foi escrito e dito sobre Eros, o fundamental ainda não foi dito nem capturado. Dizer que Eros é o deus do amor não é dizer tudo; é dizer a primeira palavra.

EROS E POLÍTICA

O deus Eros nasceu do deus Caos e as entidades que saíram de Caos (inclusive Eros), surgiram por divisão e segregação. A partir do surgimento de Eros há o encaminhamento do universo para a união e coesão. Como sabemos, o deus Eros é representado por uma criança brincalhona, cuja travessura maior é flechar os corações para abrasá-los de paixão. É muito conhecida a obra de Ovídio, o galante poeta dos círculos requintados de Roma, *A Arte de Amar*, onde ele expôs sua estratégia amorosa em versos lapidares e fez referência ao deus do amor, que é ligeiro e tem duas asas que lhe permitem agir, e é muito difícil prever seus movimentos. Porquanto, ainda que tentemos impedir todos os seus caminhos, as asas de Eros lhe permitem uma audaciosa via de ação: “Planejo uma grande empresa: quero explicar com que artes se pode conservar o amor, esse menino tão volúvel a errar no vasto mundo. É ligeiro e tem duas asas que lhe permitem escapar, e é muito difícil prever seus movimentos”.

Eros também foi tocado por suas próprias setas. De modo que o próprio Eros acabou se apaixonando, mas o objeto de seu amor lhe foi tirado e, a partir daí, passou a ter por companhia somente a deusa Tristeza e a deusa Inquietude. Até que Zeus, condoído pelo sofrimento de Eros, libertou a amada de Eros para que eles pudessem se unir.

Segundo Aristófanes, antes do surgimento de Eros, os seres eram duplos e como ousaram desafiar os deuses, foram seccionados em duas partes para se tornarem mais fracos e submissos. Em razão disso, cada ser tornou-se um ser dilacerado e incompleto. Temos saudade de alguma coisa que foi perdida, as-

sim, Eros surge como o impulso de procurar a nossa outra metade correspondente que nos foi arrancada. Portanto, o amor que surge entre os seres divididos é uma busca de restauração da unidade perdida. Eros leva os seres humanos a saírem de si em busca do encontro com os outros, movidos pelo desejo e pela paixão. A relação amorosa exige a reciprocidade, senão atrofia e morre.

O deus Narciso, por exemplo, morreu porque não saiu ao encontro dos outros; seu objeto de desejo era a sua própria imagem. Foi o avassalador fogo do fascínio sobre si mesmo que o consumiu. Claro que ninguém pode ir ao encontro do outro se não amar a própria imagem, mas não há como bastar-se a si mesmo “in totum” Eros quer a autonomia individual para que ocorra a união com o outro. O nosso fogo interior, porém, pode esfriar e acabaremos morrendo em nossos próprios limites, se não buscarmos o outro, em algum momento. O caminho de Eros é de construção e reconstrução porque Eros e Tanatos estão paradoxalmente unidos. Eros e misticismo estão indissolavelmente ligados. Não é á toa que São João da Cruz - o poeta dos paradoxos do amor - se referiu à “chama de amor vivo que, ternamente, fere com seu cautério suave”. Santa Tereza D’Avila também afirmou que “orar é como um beijo na boca”.

Para Aristófanés, dentre os seres seccionados em duas partes, a mulher foi aquele que manteve maior proximidade com a completude. Durante a gravidez, a mulher revive, temporariamente, a totalidade perdida. Pelo tempo de sua gravidez a mulher vive sob os desígnios de Eros; trata-se do “poder feminino” tão temido pelas sociedades patriarcais e pela maioria das religiões. A realização do desejo pode contribuir para subverter a ordem, na medida em que implica em consciência de si e do outro. Determinadas políticas temem o desejo, como o diabo teme a cruz, pois querem apenas corpos controlados e consciência oca. O orgasmo é força de Eros, em razão disso é capaz de, por alguns segundos, de restaurar a unidade perdida.

Para Platão, a busca não é apenas a procura da outra metade do nosso ser que nos completa. Há um outro aspecto que é a subordinação da beleza física à beleza espiritual e o desligamento da paixão. Platão subordina o deus Eros ao deus Logos para que as paixões possam ser subjugadas.

Diferentemente de Platão, pensamos que, na realidade, a paixão e a razão não se separam. Desse modo, do ponto de vista da política, o mito de Eros pode ter também a seguinte leitura: nossa organização econômico-social forma pessoas divididas e dilaceradas. Assim, determinadas políticas tentam aprisionar o deus Eros, através do controle do desejo, mas ele rompe por todas as frestas possíveis em que o poder político não consegue ou não pode anular; ele se apresenta sempre, ainda que camuflado, mascarado ou sublimado. O deus Eros surge como arte e como misticismo porque é onipotente e múltiplo.

Há estudiosos que vêem na obra de arte uma manifestação pura e simples dos sentimentos individuais do artista. Outros a encaram como uma atividade gratuita e livre de quaisquer utilitarismos. O fato é que a arte é um fenômeno social; assim não dá para situar a arte desvinculada da sociedade. O artista se apóia numa concepção de mundo, de ser humano e de sociedade, mas ela não é, mecanicamente, um mero produto de condicionamentos históricos e ideológicos. A arte supera esta limitação.

Do ponto de vista da filosofia, podemos nos referir a dois grandes momentos de teorização da arte. No primeiro, inaugurado por Platão e Aristóteles, a filosofia trata as artes sob a forma de poética; no segundo, a partir do século XVIII, sob a forma de estética. A palavra “estética” é a tradução de “aesthesis”, que significa conhecimento sensorial e experiência. “Arte Poética”, inclusive, é o nome de uma obra aristotélica sobre as artes da fala e da escrita, do canto e da dança. A palavra “poética” é a tradução para “poisis”, portanto para a “fabricação”. Conseqüentemente, a arte poética estuda as obras de arte como fabricação.

Duas concepções predominaram no decorrer da história das artes: a concepção pedagógica e concepção expressiva. A concepção pedagógica encontra sua primeira formulação em Platão e Aristóteles. Em sua conhecida obra República, expondo a pedagogia para a criação da cidade perfeita, Platão excluiu poetas, pintores e escultores, porque imitam as coisas sensíveis. Porém, colocava a dança e a música como disciplinas fundamentais na formação do corpo e da alma.

Aristóteles, na sua Arte Poética desenvolve o papel pedagógico das artes, particularmente a tragédia que tem a função

de produzir a “catarse” (purificação espiritual). Por outro lado, considerando, ainda, esta obra de Aristóteles, sabemos que o poeta ao construir o seu texto literário, não narra necessariamente o quê aconteceu e sim o quê poderia ter acontecido, valendo-se da verossimilhança e da necessidade do que ele quer representar. Por sua vez, no contexto da história, o historiador difere do poeta por pretender narrar as coisas como elas aconteceram. Para tanto, o historiador vale-se de documentos, os quais, espera-se reproduzam o mais fielmente possível, a situação econômico-social que se procura conhecer.

No decurso dos séculos a combinação ficção-história esteve muitas vezes presente mas, foram os românticos, pela ideologia nacionalista inerente à sua estética, que firmaram o conceito de romance histórico. Procuravam exaltar os valores que constituem o espírito do povo como, raça, língua, costumes, religião, folclore e política, entre outros elementos.

Discutir política é referir-se ao poder. Há um uso generalizado e vago da palavra “política” e um outro mais específico. Na Europa “política” referia-se fundamentalmente às ações dos monarcas e dos senhores. Na realidade, a razão fundou a política: política e filosofia surgiram na mesma época. Herdamos nossas “teorias” dos gregos mas, nossas “práticas”, dos romanos. O conceito de política refere-se a tudo aquilo que implica em relação de poder e a tudo que implique em organização e administração de grupos. O que chamamos de política foi criado pelos romanos e pelos gregos. A palavra “política” é grega: “ta politika”, que significa “vindo da polis”. A política entre os gregos era uma nova maneira de pensar, sentir e relacionar-se com os outros. Os gregos e romanos dispunham de uma religião cívica, em que não fazia sentido distinguir entre participação na Religião e no Estado. Os homens são dotados de “logos” (no sentido de fala e pensamento). Assim, por serem dotados da “palavra” são “animais políticos”, como escreveu Aristóteles.

A política refere-se a algo geral que concerne à sociedade como um todo, definindo leis e costumes, garantindo direitos e obrigações, possibilitando espaço para reivindicações, alternância no poder, oposição e rupturas.

O poder de Estado é um poder político, seja ele executivo, legislativo ou judiciário. A lei é uma forma essencial da política. Mesmo quando ocorre uma guerra civil ou um processo revolucionário, os motivos e os objetivos são a política, no sentido de mudança do poder. Inclusive, o conformismo social é um modo passivo de fazer política.

A política foi criada pela sociedade como o modo pelo qual pudessem expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total. Ela é o modo pelo qual os seres humanos regulam e ordenam seus interesses conflitantes, seus direitos e obrigações. Fazer política implica em persuadir, mas a guerra é a continuidade da política sob outros meios. A persuasão difere da imposição por pressupor a igualdade entre aquele que fala e aquele que ouve. A política romana, como a dos gregos, não provinha de nenhuma autoridade, mas da discussão entre cidadãos. Desse modo, são as “Constituições”, em especial, que dão forma à política.

Duas atitudes diferentes expressam a dinâmica da política moderna. A primeira fundamenta-se na concepção liberal do Estado, herdeira das concepções medievais de liberdade, onde o Estado está acima das classes sociais. A segunda, na concepção de Estado como uma instituição repressiva e legitimador da exploração econômica. Esta segunda concepção produziu a aspiração de superar o Estado e criar uma sociedade mais justa. A política moderna é, em grande parte, um embate entre essas duas possibilidades. Uma questão que se coloca para nós é: qual a melhor forma de fazer política, numa sociedade de classes economicamente desigual e conflituosa?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em política observamos que a teimosa esperança não é aniquilada pelas falcatruas e pelas maracutaias. A esperança insiste em permanecer mesmo entre os escombros das promessas não cumpridas e apesar daquele estranho dia que nunca chega. Paixão e política se interpenetram de tal forma que os grandes revolucionários foram pessoas apaixonadas pelas idéias que abraçaram, até o ponto de arriscarem a própria vida.

Como exemplos que constituíram verdadeiras escolas políticas podemos citar Marx, Bakunin, Lenin, Mao, Trotsky, Guevara, Marighella, entre muitos outros. De certa forma, portanto, os revolucionários foram flechados por Eros: eles devem seduzir, instruir, educar, organizar, convencer os trabalhadores da necessidade de revolução.

É sobejamente conhecida, por exemplo, as dificuldades econômicas de Marx, o caso de seus três filhos mortos na pobreza, os colapsos nervosos de sua esposa, etc. Foi perseguido na Alemanha, fugiu para a França e depois para a Inglaterra. Fatos semelhantes ocorreram com revolucionários do mundo inteiro.

Karl Marx tinha uma visão negativa do Estado. Diferentemente de Hegel, para quem o Estado era considerado uma espécie de “deus terreno”: o momento final do Espírito objetivo, quando são superadas as contradições da sociedade civil. Para Marx não é possível uma passagem brusca do Estado burguês para a sociedade sem Estado, havendo necessidade de um período de transição (ditadura do proletariado). Em Marx, portanto, há uma mudança decisiva no modo de entender a política e a relação entre sociedade e poder. Ele desmistificou a política liberal, fazendo a crítica da economia política: o poder político existe como poderio dos economicamente poderosos.

A linha política depende da teoria da revolução, uma vez que não há linha política no vácuo ideológico. Uma teoria da revolução condiciona uma dada organização política, seus agentes sociais constitutivos, e suas prováveis alianças.

De certa forma, militar num partido político é decidir-se pelo encontro com o outro em busca de uma almejada unidade na diversidade. A palavra “partido” sugere que se trata de uma “parte” da sociedade que aspira hegemonizar uma concepção global da ordem econômica, social e política, e “a arte de fazer política” pode ser entendida como a habilidade de somar e unir forças num determinado campo ideológico. Não é à toa que a primeira explicação conhecida sobre as origens da vida política entendia que a política é o remédio que a razão encontra para a perda da felicidade da comunidade originária, na qual os seres humanos eram imortais e felizes.

Aprendemos com Eros a arte da sedução e da união mas, ela tem que ser verdadeira e ter ressonância interior: não pode ser oca ou hipócrita. Nem, muito menos, esconder armadilhas. Encontramos, por isso, ao longo da vida, seres humanos que nos dão calafrio quando se aproximam, ainda que aparentem estar enfeitados de Sol, mas também encontramos aqueles que têm música interior, mesmo que não tenham por enfeite Clave de Sol. Como escreveu Shakespeare em *O mercador de Veneza*:

Todo homem que em si não traga música/
E a quem não toquem doces sons concordes/
È de traições, pilhagens, armadilhas./
Seu espírito vive em noite obscura,/
Seus afetos são trevas como o Èrebo;/
Não se confie em homem tal ...

REFERÊNCIAS

- CASTELLO BRANCO, L. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- PLATÃO. Banquete. In: *Diálogos*. São Paulo: Tecnoprint, s/d.
- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. In: *Coleção Os pensadores*.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1994
- CONCEIÇÃO, G.H. da. *Partidos Políticos e Educação*. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- OVÍDIO. *A Arte de Amar*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- COSTA, Juvenal Costa. *A Retórica e a Política: o embate dos sofistas gregos com Platão e Aristóteles*. Simpósio Nacional de Filosofia Antiga, 28/07-03/08/1997.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Aquele estranho dia que nunca chega*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.